

Administração de Cacuaco promete casa ainda este ano

Semanário Angolense

16 De Agosto de 2014

Texto: Vandakeya Calitangue

Uma casa com as condições exigidas pelos profissionais da Saúde para as quatro crianças da mesma família que padecem de uma doença rara que as torna intolerantes ao calor, poderá ser entregue aos mesmos ainda este ano.



A informação foi avançada pela administradora adjunta do município de Cacuaco, Maria Freire, que salientou estarem a ser feitas diligências para a entrega da referida residência.

«Nós estamos a trabalhar para isso e num curto espaço de tempo vamos dar a resposta a mãe das crianças ou a senhora poderá se pronunciar. Bem, eu não queria dar um horizonte, mas acredito que ainda dentro deste ano nós teremos esta casa», reforçou.

De acordo com a responsável, a administração municipal nunca deixou de apoiar estas crianças doentes. Maria Freire disse, por outro lado, que depois do caso destes pequenos ter chegado à administração de Cacuaco, a instituição que dirige contou com apoios do comité de especialidade dos médicos do partido MPLA e da OMA do município de Cacuaco.

«A OMA deu uma máquina de costura, cobertores, bacias, panelas, enfim... uma série de coisas.

Já o comité de especialidade dos médicos do MPLA e o Ministério da Saúde moveram esforços para que se diagnosticasse a doença

dos pequenos. Ficamos a saber que a enfermidade não tem cura, mas os médicos recomendaram um tipo de medicamento que serve para minimizar o problema da pele. Para o efeito, o MINARS provincial e a administração local têm apoiado», referiu.

«Temos apoiado esta família. Quando tomamos contacto com o caso, a senhora tinha rendas de casa em atraso e a administração pagou. Depois de termos levado para lá uma máquina de costura, arranjamos um lugar para que ela pudesse trabalhar no mercado do Kikolo, arranjamos também a matéria-prima para que ela comesse o seu negócio e ela se recusou sem algum problema aparente. A senhora é saudável, não sofre de nenhuma patologia, ela pode trabalhar», disse.

A afirmação da administradora adjunta de Cacuaco foi reforçada pela chefe de secção do MINARS local, Isabel Garcia Monteiro que referiu, por sua vez, que o MINARS tem dado roupas usadas, banheiras, etc. «Nós temos acompanhado a dona Nsunda, só que por motivos desconhecidos, ela desapareceu

durante cerca de um ano e só voltou a aparecer na administração na terça-feira, 05/07.

Mesmo assim, demos a ela alguns frescos, designadamente: Uma caixa de frango, costeletas e quatro colchões 'tamanho para casal', uma vez que ela disse que os colchões que havíamos oferecido no ano passado já estavam estragados», referiu.

Afinal porquê que a dona Nsunda deixou de solicitar apoios a administração?

De acordo com ela, em finais do ano passado, quando a representante do MINARS a levou para conhecer o terreno onde dizem que vai ser construída a casa, «ela deu-me dois atados de fardo para vender, alegando ser o último apoio da instituição; quanto a casa tinha que aguardar pelo desfecho», disse dona Nsunda na presença dos representantes da administração e do MINARS.

Continuando, dona Nsunda contou que a situação dos seus filhos continua a ser a de sempre ou seja, sem mudança, desde que foram feitas promessas de melhorar as condições de vida dos rapazes. «Neste momento estão mais ou menos porque o clima é fresco e favorece, mas quando o sol se apresentar mais forte, aí sim, começa a guerra. Tenho que molhá-los constantemente».

A mãe dos pequenos enfermos disse ainda que continuam a viver «naquela casa, nas mesmas condições de sempre. Não tem luz, ar condicionado, nem água. Para conseguir água tenho de enfrentar longas filas no chafariz. Esta semana a vice-administradora apoiou-nos com comida e colchões. O ano passado recebi comida, colchão e uma máquina de costura. Mas o que as crianças precisam neste momento é de uma casa climatizada, só assim é que poderei trabalhar para sustentá-los», reiterou.

Prometeu-se a casa mas...

De acordo com Maria Freire, os apoios da administração não pararam por aí. A responsável salientou que a administração municipal arranhou um espaço onde será erguida uma residência para a família em causa, na localidade da Caop, comuna da Funda, onde já existem cerca de sete mil lares.

A construção da casa com as condições exigidas será financiada por um empresário que se solidarizou com o drama das crianças.

«Levamos a senhora para ver o espaço, mas infelizmente disse que não queria ficar naquele lugar».

Dado o descontentamento de dona Nsunda, a nossa equipa de reportagem foi conhecer o terreno e constatou-se que é uma área muito pouco habitada e as poucas casas que lá existem são feitas de chapas.

No local não há luz nem água e muito menos indícios de vir a ter estes serviços disponíveis o mais rápido possível. Este foi o motivo da preocupação da progenitora. «Eu vi o terreno e gostei; o problema é que lá não há luz, nem água. Agora eu gostava de saber como é que fica a questão da luz e da água, até porque os meninos precisam de estar numa casa climatizada», questionou.

"Voltando à administradora adjunta de Cacucaco, esta disse não saber qual o terreno que a dona Nsunda mostrou à nossa equipa de reportagem. Porém, adiantou que no espaço cedido pela administração tem mais de sete mil famílias em casebres, ou seja casas de chapas e que estão já em fase de construção casas definitivas. O espaço está integrado num terreno destinado a um reacentamento dirigido pela administração local. «A Sra. Nsunda e os seus filhos estarão num local privilegiado», assegurou a responsável.

«Nós administração local e o governo provincial de Luanda, estamos a ver outras vias de aquisição desta residência para ela. Agora pedimos que a senhora tenha um pouquinho de

calma, até porque o filho mais velho da senhora tem 11 anos e ela veio do Uíge, propriamente da Damba, onde é a sua terra natal e durante este tempo todo ela teve outras formas de subsistência. Nós apoiamos na medida do possível, até porque a administração não tem uma verba específica para este tipo de situação. Não tem os meios já preparados para quem tiver problemas e dissermos que está aqui uma casa, está aqui 100 mil dólares, se calhar, para a vida toda, não temos isso. Então nós também pedimos apoios e é preciso que tenham paciência e nós, na medida do possível, vamos ajudar a família», sublinhou.

Administradora vs pastor

Uma outra questão que preocupa a administradora adjunta tem a ver com um alegado pastor que descobriu o caso das crianças doentes e os levou a administração. De acordo com Maria Freire, o referido pastor, que prefere não identificar a religião a que pertence, tem tirado aproveitamento da situação para fins próprios.

«Há igrejas que dão apoio e não andam com a televisão às costas, ou com a rádio ou jornais a

dizer que apoiaram esta ou aquela família. O que o pastor devia fazer é falar com os seus crentes e apoiar-o-nos. Nós precisamos do apoio das igrejas, ONGs, da comunidade e da sociedade civil. Nós administração e o MINARS provincial decidimos não tratar mais nada com este pastor, porque estamos a ver um aproveitamento da parte dele. Ele é que quer receber os apoios, receber os dinheiros, quer que lhe seja entregue a casa quando a senhora até goza de boa saúde. A senhora tem o nosso endereço, sabe como nos contactar, nós temo-la localizada e estamos a trabalhar para que a situação dela seja resolvida», reiterou Maria Freire.

Contactado o pastor José Cassoma, disse que acusação da administradora adjunta de Cacucaco não corresponde com a verdade.

No entanto, desafia a administração local a apresentar provas contra si. «Eu não tenho feito nada que não seja ajudar aquela família a encontrar uma solução para o seu problema. Eu faço tudo em meu nome pessoal e nunca em nome da minha igreja», disse, acrescentando que deixou de manter contacto com aquela família a pedido da própria administração.